



3º Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática *História da Educação Matemática e Formação de Professores*

Universidade Federal do Espírito Santo - Campus São Mateus
outubro 31, 2016 – novembro 2, 2016

OS SABERES GEOMÉTRICOS E A REVISTA PEDAGOGICA (1891)

GABRIEL LUÍS DA CONCEIÇÃO¹

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

MARIA CÉLIA LEME DA SILVA²

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

RESUMO

Nesta comunicação buscamos trazer resultados sobre a investigação acerca dos saberes geométricos veiculados na Revista Pedagógica, periódico publicado no Rio de Janeiro, por intermédio do museu *Pedagogium* no final do século XIX. A pesquisa é construída segundo os fundamentos teóricos e metodológicos da História Cultural e procura responder a seguinte questão: Como os saberes geométricos foram disseminados na edição de 1891 da Revista Pedagógica? As fontes estão disponíveis no Repositório Digital da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nesta primeira análise percebemos a presença dos saberes geométricos nas escolas primárias do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em diferentes rubricas, com semelhanças e distanciamentos do que vinha sendo produzido em Portugal, bem como a difusão da Pedagogia moderna, e sua proposta intuitiva, no entanto conservando traços tradicionais na escola primária brasileira.

Palavras-chave: História da educação matemática. Saberes Geométricos. Revista Pedagógica.

INTRODUÇÃO:

Esta comunicação científica objetiva analisar os discursos acerca dos saberes geométricos presentes na Revista Pedagógica³, em um momento de circulação da vaga pedagógica intuitiva no Brasil, que de acordo com Valdemarin (2004) tratou-se de um movimento pedagógico que foi difundido na Alemanha e preconizado por Pestalozzi nos Estados Unidos e na Europa no século XIX. Em nosso país, teve como um dos seus principais defensores Rui Barbosa, no final do século XIX e início do século XX.

¹ Doutorando em Ciências (UNIFESP – Guarulhos); E-mail: gabrielluis_matematica@yahoo.com.br

² Doutora em Educação (Currículo); Professora da UNIFESP; E-mail: mcelialeme@gmail.com

³ Neste trabalho adotaremos “Revista Pedagógica”, sem acento, conforme a escrita original da época. Faremos o mesmo para os títulos das seções e nas citações.

Segundo Valdemarim (2004), o método intuitivo, ou as lições de coisas, objetivavam três acontecimentos: levar o aluno a compreender o abstrato, por meio do concreto; utilizar os cinco sentidos no processo de ensino e de aprendizagem; utilizar a indústria e a natureza para mostrar o conhecimento. Caracterizou-se por ser um movimento de renovação do ensino e da formação de professores, valorizando, entre outros aspectos a intuição.

Como os saberes geométricos foram disseminados na Revista Pedagógica? Esta questão norteia a presente investigação como uma primeira análise de um estudo que pretende construir uma narrativa histórica sobre os discursos acerca dos saberes geométricos nas revistas pedagógicas brasileiras.

A análise apoia-se nos pressupostos da História Cultural, que considera as representações de determinada cultura em dado lugar e período, ou seja, “História Cultural é aquele campo do saber historiográfico atravessado pela noção de cultura” (BARROS, 2003, p. 145) e “tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16-17), a fim de apresentar as primeiras análises sobre os saberes geométricos em um período conhecido como Primeira República ou República Velha onde circulavam ideias do método intuitivo.

REVISTAS PEDAGÓGICAS COMO FONTES

As revistas pedagógicas são publicações educacionais que fazem circular uma “sinopse” dos discursos pedagógicos de um tempo, ou seja, elas representam importantes fontes para a construção de uma história cultural.

As revistas especializadas em educação, no Brasil e em outros países, de modo geral, constituem uma instância privilegiada para a apreensão dos modos de funcionamento do campo educacional enquanto fazem circular informações sobre o trabalho pedagógico e o aperfeiçoamento das práticas docentes, o ensino específico das disciplinas e a organização dos sistemas [...] (CATANI, 1996, p.03).

Ainda podemos dizer que as revistas pedagógicas representam “fontes informativas específicas para construção de explicações acerca da história do campo educacional, das práticas escolares, dos saberes pedagógicos, do movimento e da luta dos professores” (CATANI, 1996, p. 116).

Além disso, elas possuem um aspecto único e insubstituível, que talvez outras fontes não possuam. Com as revistas pedagógicas “estamos, na maior parte das vezes, perante reflexões muito próximas dos acontecimentos” (NÓVOA, 1997, p.12). Sendo assim, elas nos permitem uma compreensão do que estava circulando no meio educacional de seu tempo em momentos próximos às suas publicações.

Tomando as revistas pedagógicas como fonte de um estudo histórico, temos, segundo Bastos (2007) um observatório excelente, de forma que,

é um guia prático do cotidiano educacional e escolar, permitindo ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou de um grupo social a partir da análise do discurso veiculado e da ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar (BASTOS, 2007, p. 01)

Entretanto, sabemos que além das potencialidades descritas acima, e corroborando com Rezende (2005), as revistas pedagógicas não representam em sua totalidade algo neutro e homogêneo. Dessa forma, o pesquisador, deve atentar-se para o “fato de que a imprensa está muito longe de ser homogênea. Cada veículo selecionado como documento deve ser analisado segundo suas características específicas” (REZENDE, 2005, p. 93), que é o que buscamos, por meio da História Cultural, neste estudo.

A REVISTA PEDAGOGICA – DISTRITO FEDERAL

A Revista Pedagógica, criada em 1890, trata-se do primeiro periódico editado e financiado pelo poder republicano e circulou até 1896. Tratava-se de um importante meio de comunicação educacional, onde seu principal dinamizador, editor e por muitas vezes autor foi o professor Joaquim José Menezes Vieira⁴, diretamente ligado ao Museu *Pedagogium*, e importante figura de seu tempo.

Segundo Fernandes (2013), a Revista Pedagógica constitui-se em nosso país a partir do Projeto de Educação Nacional colocado em prática a partir da República, por intermédio de Benjamin Constant⁵, reformando o ensino primário e secundário do Distrito Federal. Tal

⁴ Segundo Bastos (2002), o professor Joaquim José Menezes Vieira nasceu em São Luiz do Maranhão, cursou medicina no Rio de Janeiro, formando-se em 1873. Em 1875 funda uma escola primária denominada Colégio Menezes Vieira, onde foi seu diretor. Grande incentivador de seu tempo do ensino intuitivo.

⁵ Segundo Sêga (2004), Benjamin Constant foi militar, engenheiro e professor. Trata-se de um dos principais articuladores do levante republicano. Foi ministro da instrução pública e grande articulador da reforma curricular do ensino primário e secundário do Distrito Federal.

reforma, tinha como principais princípios “a liberdade de ensino, a laicidade, a gratuidade do ensino primário e a ciência como fundamento da organização curricular e do ensino propriamente dito” (GONDRA, 1997, p. 376).

A revista abordava variadas temáticas, especificamente em dois focos: o oficial, onde continham os atos legais relativos a instrução primária e secundária, e outro com as práticas de autores nacionais e internacionais, reflexões sobre práticas de ensino, informações para os docentes de forma geral e crônicas. As temáticas eram estruturadas por seções, algumas fixas que aparecem em todas as publicações, e outras não. São elas:

Quadro I – Seções do Periódico

Seções Fixas	Seções Variáveis
Parte Oficial	Editorial
Pedagogia	Pantheon Escolar
<i>Chrônica do Exterior</i>	Necrologias
<i>Chrônica do Interior</i>	Bibliografia
	Acquisições do Pedagogium
	Visitas
	Museus Pedagógicos
	Material Col lectivo para as aulas do 2º grão
	Correio
	Notas
	Annuncios
	Legislação

Fonte: Os autores

Observando o quadro, percebe-se que a seção “Chrônica do Interior”, que objetivava apresentar aos professores os modelos de instrução e o que circulava em cada região do nosso país aparece como uma seção fixa, ou seja, esteve presente em todas as edições da Revista Pedagógica, assim como a seção “Chrônica do Exterior”, que trazia os modelos de instrução do exterior, nos mostrando que o periódico tinha um compromisso com os leitores na divulgação de modelos, práticas e experiências bem sucedidas de nosso país (Chrônica do Interior) e também de outros países (Chrônica do Exterior), o que nos permite concluir que a revista representava o espaço de circulação das ideias estrangeiras, enfim, era o canal por qual o Brasil tomava contato com as atualizações relativas a educação primária.

Do mesmo modo, é preciso destacar que a revista é publicada como uma das finalidades do recém-criado museu pedagógico brasileiro, o *Pedagogium*, além, segundo Gondra (1997), de gerir o envio de professores em missões pedagógicas pelo exterior, maneira que o país tomava contato com as atualizações em Educação. Todas essas ações são

consideradas por Matasci (2015) como um papel particularmente relevante na construção dos sistemas escolares modernos no século XIX, tanto na França como em outros países ocidentais. Trata-se de contextos complexos, de muitas mudanças e intensificação de conexões entre os países do mundo no momento da “primeira globalização” com repercussão no domínio da vida social e na educação, estreitamente associado à construção de identidades nacionais.

Matasci (2015) analisa a criação dos museus pedagógicos como um movimento global que tinham como objetivo reunir, classificar e colocar à disposição dos professores todos os objetos ou documentos que dê referência à instrução primária no seu próprio país e no estrangeiro. Uma centena⁶ de museus pedagógicos são criados entre 1845 e 1911, na Alemanha, Itália, Império Russo, Japão, Estados Unidos, Argentina e Brasil, o fenômeno é mundial e se caracteriza por uma intensa circulação internacional de ideias.

OS SABERES GEOMÉTRICOS NA REVISTA PEDAGÓGICA (1891)

Analisando o segundo tomo da Revista Pedagógica, percebemos uma figura de destaque, o professor Luiz Augusto dos Reis, que em retorno ao Brasil após uma missão pedagógica no exterior juntamente com outros professores, na comissão de 1891, relata algumas de suas experiências relacionando-as com os experimentos no Brasil.

De acordo Matasci (2015), as missões científicas, ou mais genericamente a viagem de estudo ao estrangeiro, tratava-se de um elemento central para compreender a internacionalização do discurso pedagógico do século XIX. Tanto as missões de estudo como os museus escolares destacam dois aspectos complementares nos processos de reformas escolares, as missões fabricam um saber e uma expertise inédita sobre os problemas pedagógicos previamente selecionados, que refletem as preocupações dos autores implicados e os museus ilustram o papel de uma elite administrativa que procura institucionalizar a pesquisa comparativa no domínio educativo constituindo um centro de documentação. Para além disso, a difusão dos saberes do exterior segue por outros canais, sendo que o papel exercido pelas revistas pedagógicas do fim do século XIX precisam ser sublinhados.

Além disso, segundo Gondra (1997), o museu estava recrutando “destacados professores” para missões pedagógicas, donde aparece a figura do professor Luiz Reis, na

⁶ Matasci apresenta uma tabela (2015, p. 56-57) com os museus pedagógicos do mundo, de 1845-1911, identificando o ano da criação e a cidade.

comissão de professores enviados a Europa, conhecida como “comissão de 1891”, reforçando o movimento internacional de ações pedagógicas estudados por Matasci (2015).

Mas, quem era o professor Luiz Augusto dos Reis? Por que foi escolhido para estar nesta comissão? Luiz Augusto dos Reis, segundo Blake (1899), iniciou sua carreira docente na escola pública da Gávea – RJ, em 1870, sendo inicialmente professor adjunto, efetivando-se em 1873 “de acordo com o relatório do Inspetor Geral de 1873, em junho desse mesmo ano Luiz Reis foi aprovado nos exames de capacitação ao magistério, e por aviso de 31/07/1873 foi considerado habilitado para o magistério primário da Corte” (PINTO, 2011, p.32). A autora ainda afirma que o professor exerceu o magistério de 1870 a 1895, de forma exemplar, dedicando os seus anos à instrução primária, destacando-se dos demais professores do então Distrito Federal, sendo ativo nos debates educacionais de sua época. Sua ação pedagógica sempre foi ativa e atuante, e isso pode ter contribuído para que fosse um dos escolhidos para compor o grupo de professores que representariam o Brasil na Europa na “Comissão de 1891”. No seu relato, ele descreve que sua escolha se deu por “acaso e sorte”, mas não é o que percebemos, ao analisarmos sua atuação pedagógica influente.

O segundo tomo do periódico destaca a “Comissão de 1891”, em especial o professor Luiz Augusto dos Reis, onde ele relata em muitas páginas, sua experiência na Europa. Em seu registro percebe-se grande quantidade de referências sobre a cultura escolar europeia, comparando-a com as práticas educativas nas escolas do nosso país, descreveu, desde a arquitetura e o formato das salas e mobílias, até métodos pedagógicos, legislações, programas, livros, autores, mas o que ele registrou acerca dos saberes geométricos?

A Revista Pedagógica relata o retorno dos professores enviados à Europa: “regressaram a esta capital os professores Luiz dos Reis e D. Amelia Fernandes da Costa, que haviam recebido a incumbencia de estudar a organização do ensino primario em alguns paizes da Europa e dos Estados-Unidos” (REVISTA PEDAGÓGICA, Tomo II, 1891, p. 252). Na mesma página a edição do periódico dá notoriedade aos trabalhos no exterior e a figura dos docentes, “a Revista Pedagogica registra os serviços dos distintos comissionados, para que formem brilhante pagina na historia do nosso magisterio publico primario”.

É publicado um extenso relatório neste tomo, com minuciosos detalhes e registros da estadia de seis meses do professor Reis na Europa, mais especificamente em Portugal. O professor começa seu discurso dizendo: “Vendo-me forçado a demorar-me em Portugal, tratei de não perder meu tempo e de ver o que havia de bom nesse paiz relativamente a

instrução pública, e com especialidade sobre o ensino primário, museus pedagógicos, etc” (REVISTA PEDAGOGICA, Tomo II, 1891, p. 277).

Para este texto, procuramos analisar os relatos e comentários acerca dos saberes geométricos, ou seja, “todos os conceitos, definições, temas, propriedades e práticas pedagógicas relacionadas à geometria que estejam presentes na cultura escolar primária” (LEME DA SILVA, 2015, p. 42).

Nos seus escritos, o professor Luiz Reis nos apresenta que, “o ensino primário elementar⁷ para ambos os sexos compreendia dentre outras coisas “princípios de systema métrico e princípios de desenho” e para o sexo feminino eram acrescidos os “trabalhos de agulha”, onde incluem-se tomar medidas, moldes, etc, empregados de modo “prático”.

Percebe-se com a descrição dos conteúdos que compreendiam o ensino primário uma presença dos saberes geométricos na escola portuguesa, tais como, desenho, medidas e moldes, não de forma direta com a matéria Geometria, inclusive em rubricas que não fazem referência a ela ou a seu ensino como o “systema métrico”, “desenho” e “trabalhos de agulha”.

Segundo Frizzarini (2014), em um estudo sobre os programas de São Paulo, desenho, modelagem, trabalhos manuais e rubricas afins consistiam em atividades práticas relativas aos saberes geométricos. Vale ressaltar que os estados brasileiros tinham programas distintos, e São Paulo é um estado chave, tanto quanto o Distrito Federal, pois foram pioneiros na apropriação dos preceitos da pedagogia moderna. (SOUZA, 2009)

Na seção “Crônica do Interior” é detalhado o programa de Trabalhos Manuais para a primeira classe das escolas primárias de 1º grau do Distrito Federal, nas páginas 129 e 130, e a análise deste programa reforça a presença de saberes geométricos na matéria. Conforme as imagens a seguir, identificamos saberes geométricos presentes nas atividades propostas no programa, como por exemplo, questões práticas com dobrados e recortes com a seguinte proposta: “dividir um retângulo em dois triângulos”, “dividir o quadrado em quatro triângulos retângulos”, “recortar um hexágono em diferentes formas”, “em um papel cortar um quadrado perfeito”, etc.

Figuras 1 e 2: Atividades relativas aos Trabalhos Manuais

⁷ Destinado a alunos de 6 a 12 anos.

Trabalhos manuaes.—Programma detalhado para a 1ª classe das escolas primarias do 1º gráo.

Dobrado :

- 1.º Dividir um rectangulo de papel em dous triangulos.
- 2.º Dividir em quatro triangulos.
- 3.º Dividir em dous rectangulos no sentido da largura.
- 4.º Dividir em quatro rectangulos (1/4 da superficie).
- 5.º Em um rectangulo formar um losango.
- 6.º Em um rectangulo formar quadrado.
- 7.º Dividir o quadrado em quatro triangulos rectangulos.

Recorte :

- 1.º Em um quadrado de papel, com um golpe de tesoura, cortar um triangulo isosceles.
- 2.º Idem com triangulo equilatero.
- 3.º Em um papel cortar um quadrado perfeito.
- 4.º Idem um losango.
- 5.º Com dous golpes de tesoura cortar um quadrado ou um rectangulo.
- 6.º Recortar um hexagono de diferentes fórmas.
- 7.º Idem um octogono.
- 8.º Idem um polygono estrellado.
- 9.º Idem objectos usuacs: funil, cruz, copo, frasco, mesa, cruz grega, balde, moringue, vaso para flores, cadeira, colher, garfo, fca, lampeão, calice, folhas de arvore, borboleta, martelo, bigorna, tenazes, etc.

Fonte: REVISTA PEDAGOGICA, Tomo II, 1891, p. 129-130.

Além disso, mais a frente, o professor Luiz Reis, explica que o ensino primário das escolas portuguesas, principalmente os das escolas “centraes”⁸, era composto por uma primeira parte, caracterizada como elementar e uma segunda como complementar. A elementar era dividida em classes, cada uma delas a cargo de um professor, funcionando em salas separadas, sendo a primeira classe denominada “curso inferior” com duração de 2 anos, a segunda “curso médio” também com permanência de 2 anos e, por fim a terceira, ou “curso superior” com constância de 1 ano, completando assim o primário elementar.

O curso primário elementar em 1891 continha a seguinte distribuição acerca dos saberes geométricos:

Quadro II – Saberes Geométricos presentes nas escolas primárias elementares de Portugal

1ª Classe	2ª Classe	3ª Classe
Systema Metrico: Conhecimento pratico do metro e suas divisões.	Systema Metrico: Conhecimento pratico das principais medidas lineares de capacidade e peso; Problemas graduaes e de uso comum applicados aos conhecimentos adquiridos	Systema Metrico: Superfície e volume dos corpos – Conhecimento pratico e denominação das principais figuras geométricas; Medidas agrarias – Modo pratico de avaliar a área do retângulo, triangulo, trapézio, bem como a de qualquer polígono regular.
Desenho Linear ⁹ : Traçar linhas retas – applicação pratica; cópia de desenhos simples	Desenho Linear: Traçar linhas curvas, mistas e paralelas – applicação pratica	Desenho Linear: Denominação e conhecimento pratico das principais figuras geométricas; Processos gráficos para tirar perpendiculares e paralelas; esboço de mapas; Imitar estampas e utensílios de uso comum.

Fonte: Os autores

⁸ Escolas localizadas na região central de Lisboa.

⁹ Apesar da nomenclatura “Desenho Linear”, não há a menção ao uso de instrumentos na escola primária portuguesa. No relato do professor Luiz Reis, ele afirma que eram applicados “princípios de desenho”. Tudo indica que o detalhamento apresentado e denominado de Desenho Linear seja correspondente aos Princípios de Desenho.

Analisando o quadro, percebemos que mesmo a nomenclatura Geometria não presente como uma matéria em nenhuma das classes, os seus saberes estavam inseridos na cultura escolar portuguesa, pois visualizamos elementos que a compõem: na distribuição de classes encontramos medidas, estudo de superfícies, de figuras geométricas e a presença dos princípios de desenho e que na aplicação desses saberes dava-se ênfase, a um ensino prático, intuitivo, como ele mesmo diz várias vezes no seu relatório, reforçando a circulação deste movimento pedagógico.

A partir do relato do prof. Luiz sobre os programas portugueses, pode-se indagar: em que medida os programas portugueses aproximam-se ou não das prescrições oficiais do então Distrito Federal?

Avançando em nossas análises, partimos para as páginas iniciais do periódico, onde encontra-se a seção “Parte Oficial” e nos deparamos com o “Regimento interno para as escolas primarias de primeiro gráo do Districto Federal”, o que diz o regimento sobre os saberes geométricos?

O ensino das escolas primarias do primeiro gráo compreende [...] Systema métrico decimal precedido do estudo de Geometria practica (Tachymetria); Desenho; Trabalhos manuais (para os meninos); Trabalhos de agulha e Noções practicas de agronomia (REVISTA PEDAGOGICA, Tomo II, 1891, p. 5)

O regimento trazia também orientações aos materiais a serem utilizados e o que deveria constar nas avaliações, como segue: “O material das escolas divide-se em material de uso colletivo e de uso individual [...] o material de uso colletivo comprehenderá: [...] colleção de sólidos geometricos, estojo e mais instrumentos de desenho” (REVISTA PEDAGOGICA, Tomo II, 1981, p. 11).

Em relação às avaliações, a publicação faz menção ao exame que consistira de provas escrita, oral e prática. Sobre a prova prática a revista nos informa que “a prova practica constará da execução de um desenho; da execução de um trabalho manual” (REVISTA PEDAGOGICA, Tomo II, 1981, p. 17), dentre outras tarefas. Ratificando tanto nos materiais de uso coletivo, quanto no exame, evidências da prática do desenho geométrico.

Os conteúdos apresentados, de certa forma recebem influência da proposta educacional de Rui Barbosa¹⁰, onde ele exalta o método intuitivo, além é claro, das

¹⁰ No ano de 1882, Rui Barbosa apresentou dois pareceres ao parlamento acerca da reforma do ensino brasileiro, uma relativa ao primário, e uma ao secundário. (Souza 2009, p.75)

recomendações oficiais que diziam que “em todos os cursos ser constantemente empregado o methodo intuitivo” (DECRETO nº 981, 1890, Art.3, §2º)¹¹.

Em relação à geometria, Rui Barbosa apresenta em sua proposta que “é por meio de modelos materiais, de construções gráficas, que há de ter entrada na escola o curso sempre concreto, intuitivo, figurado dos elementos desta ciência” e ainda diz que o ensino de geometria deveria iniciar-se “por discernir ao aspecto as formas geométricas mais elementares, o sistema froebeliano adentra utilmente o menino em reproduzi-las por meio de papelão, do papel, da terra plástica, ou do arame”.

Outro item a se analisar é a presença da *taquimetria*, “ensino da geometria pela evidência material” (LEME DA SILVA e VALENTE, 2014, p. 44), chamada por Rui Barbosa no seu texto de “concretização da Geometria” (*ibidem*, p. 290).

Além dessas informações e análises, a revista nos apresenta outras importantes informações sobre as escolas primárias brasileiras.

No começo do anno lectivo o inspetor escholar, reunido os professores do seu districto e ouvindo o seu parecer, organizará o quadro do emprego de tempo por dia, hora e matéria, para cada uma das classes.

A divisão dos trabalhos deve aproximar-se desta tabela e observar cuidadosamente as indicações que a acompanham.

(REVISTA PEDAGOGICA, Tomo II, 1891, p. 14)

Figura 3: Modelo do Quadro do Emprego de tempo por dia

REVISTA PEDAGOGICA	SEGUNDA-FEIRA	9-9.15	9.15-15	10-10.15	10.15-11	11-11.15	11.15-12
	TERÇA-FEIRA	PRIMEIRO-CANTICO DE ABERTURA DOS TRABALHOS	Leitura e Escripita	EXERCICIOS DE CORPO LIVRE CANTICOS	Arthmetica	EXERCICIOS DE CORPO LIVRE CANTICOS	Desenho e Geometria
	QUARTA-FEIRA		Leitura e Escripita		Historia		Lingua portugueza
	QUINTA-FEIRA		Leitura e Escripita		Arithmetica		Desenho e Geometria
	SEXTA-FEIRA		Leitura e Escripita		Geographia		Lingua portugueza
	SABBADO		Leitura e Escripita		Arithmetica		Desenho e Geometria
			Leitura e Escripita		Arithmetica		Lingua portueza
		12-12 1/2	12 1/2-1	1-1.15	1.15-2	2-2.50	2.50-3
	SEGUNDA-FEIRA	RECREIO GERAL	Instrucção moral	EXERCICIOS DE CORPO LIVRE & CANTICOS	Lições de cousas	CANTICO DE ENCERRAMENTO DOS TRABALHOS	Trabalhos manuaes
	TERÇA-FEIRA		Geographia		Agronomia		Gymnastica e musica
	QUARTA-FEIRA		Agronomia		Lingua portugueza		Trabalhos manuaes
	QUINTA-FEIRA		Historia		Desenho e Geometria		Gymnastica e musica
	SEXTA-FEIRA		Instrucção moral		Lições de cousas		Trabalhos manuaes
	SABBADO		Recapitulação				

Fonte: REVISTA PEDAGOGICA, Tomo II, 1891, p. 14

Em um estudo sobre as legislações e programas sobre o ensino primário no Distrito Federal, as pesquisadoras França e Villela (2014, p. 133) trazem algumas considerações sobre o funcionamento das escolas: “o Regulamento da Instrução Primária e Secundária do

¹¹ Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104668>>

Distrito Federal estabelecia a existência da instrução primária – dividida em curso de 1º grau e de 2º grau – e instrução secundária, com mais sete anos de escolaridade”, informam ainda que o curso primário de primeiro grau estava dividido em elementar, para alunos entre 7 e 9 anos, médio, de 9 a 11 e superior, para os de 11 a 13, de forma que cada um desses três cursos se constituía de duas classes.

Dessa forma, analisando o quadro de horários e as prescrições oficiais, percebemos que o curso primário do Distrito Federal aparecia subdividido em classes como os portugueses, e, assim como os lusos, a rubrica Geometria não aparecia sozinha como uma matéria. No caso do Rio de Janeiro, ela estava junto ao Desenho, e “investia-se mais em nomenclaturas e cálculo de medidas: calcular a superfície de um retângulo, de um paralelogramo e de um triângulo retilíneo (classe 2ª)” (FRANÇA e VILLELA, 2014, p. 135), além de visualizarmos, na seção “Parte Oficial” da Revista Pedagógica que outras matérias utilizavam-se dos saberes geométricos, como os Trabalhos manuais que evidenciamos acima e a Agronomia, com as medições, a construção de canteiros em formas geométricas, etc.

Com a figura 3, que apresenta o quadro de aulas das escolas do Distrito Federal, percebemos mais uma vez os saberes geométricos presentes no cotidiano escolar, pois são sugeridas 4 aulas semanais de 50 minutos cada de Desenho e Geometria, 3 de Trabalhos manuais e 1 de Agronomia, ou seja, uma quantidade significativa de temas relativos aos saberes geométricos orientados para aplicação nas escolas, se aproximando com o relato produzido na revista pelo professor Luiz Reis.

Com esta análise, entendemos, além da semelhança com o que vinha sendo feito em Portugal, referências ao ensino intuitivo. E, de que forma essas indicações eram apropriadas nas escolas do então Distrito Federal? Procurando evidências no tomo em análise para responder a questão, nos deparamos com a recomendação de utilização nas escolas do livro “*Elementos de Desenho Linear*” de Ayres de Albuquerque Gama¹². O quê este manual escolar tem a nos dizer?

Trata-se de um livro de desenho de figuras geométricas em que as figuras são definidas e algumas, nem todas, construídas com explicação detalhada de como realizar a construção. Os desenhos ilustram os traços intermediários do compasso em pontilhados empregados no processo de construção geométrica.

¹² Professor da Escola Normal de Pernambuco (Leme da Silva, 2016)

Não há questionários ou exercícios propostos aos alunos, não aborda propriedades geométricas e nem sínteses, o manual caracteriza-se pelas definições e construções pormenorizadas com instrumentos.

(LEME DA SILVA, 2016, p. 7)

Percebe-se então, em tempos intuitivos, utilização de um livro com uma proposta diferenciada das lições de coisas, ou pedagogia moderna circulando nas escolas do então Distrito Federal.

A autora da citação acima, ao fazer uma análise neste manual, pondera que “a presença das definições de figuras geométricas antes de sua construção revela traços do método tradicional” (*ibidem*, p. 7).

Compreendemos aqui que não havia ausência dos saberes geométricos nas recomendações oficiais do final do século XIX.

No entanto, a presença do livro do professor Gama nos faz entender que a proposta tradicional não estava abolida com a pedagogia moderna, um ensino ativo, não mecanizado, estava proposto na revista e nas legislações com direção aos professores, ou seja, uma proposta de geometria nos moldes intuitivos estava circulando, sendo incentivada com os modelos trazidos pelo professor Reis do velho continente. No entanto a recomendação oficial era a utilização nas escolas primárias de um manual escolar com proposta tradicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é uma das etapas iniciais de construção de uma pesquisa de doutoramento, e trazem consigo alguns resultados parciais que descreveremos a seguir.

A viagem em missão pedagógica do professor Luiz Augusto dos Reis juntamente com a “Comissão de 1891” trouxeram possibilidades para o debate das práticas estabelecidas em diferentes países acerca dos saberes geométricos em tempos de circulação do movimento pedagógico intuitivo no Brasil.

Luiz Reis nos possibilitou perceber em seus relatos, uma geometria prática, concreta, intuitiva, como ele mesmo afirma em vários momentos, sendo praticada na Europa e divulgada no Brasil, através da Revista Pedagógica.

Ainda verificamos que no então Distrito Federal, as ideias intuitivas estavam circulando de forma relativamente semelhante ao que vinha sendo apresentado em Portugal, e a análise dos relatos sobre as prescrições oficiais portuguesas e brasileiras, nos permitiu verificar.

No entanto, um dos livros recomendados para utilização nas escolas do Distrito Federal estava nos moldes da pedagogia tradicional, nos dando uma primeira percepção de que nem tudo o que acontecia nas escolas estavam “de acordo” com a proposta pedagógica da época. Nos mostrando que quando novas proposta circulam, as antigas não desaparecem, convive-se sempre com o antigo e o velho. (CHERVEL, 1990)

Enfim, a metodologia utilizada neste trabalho apresentou uma análise da Revista Pedagógica, nos oportunizando articular os saberes geométricos presentes na escola primária portuguesa e na escola primária do Distrito Federal., onde verificamos em parte uma apropriação, ou seja, uma interpretação do movimento pedagógico intuitivo que não passa necessariamente por uma racionalidade (CHARTIER, 1990), bem como a proximidade e o afastamento entre o que vinha acontecendo nos dois países, com resquícios da pedagogia tradicional.

Este princípio, a apropriação, nos dá ideia de que em um estudo cultural e historiográfico, surgem heranças e rupturas, que verificamos com este texto, onde encontramos paridades acerca do funcionamento das escolas e dos saberes geométricos.

Quanto aos distanciamentos, vemos que os saberes geométricos aparecerem com bastante evidência nos Trabalhos Manuais. Em relação ao desenho, em Portugal, apesar do nome Desenho Linear existem evidências da utilização dos princípios de desenho, e no Distrito Federal, realces por meio do livro do Gama, dos materiais para utilização coletiva nas escolas e das provas práticas, da utilização do Desenho Geométrico.

REFERÊNCIAS

BARROS, J. D. História Cultural: um panorama teórico e historiográfico. In: **Textos de história**, vol. 11, nº 1/2, 2003. Disponível em: periodicos.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/5925/4901. Acesso em 30 jun 2016.

BARBOSA, R. **Reforma do Ensino primário e várias instituições complementares da Instrução Pública**. Obras Completas de Rui Barbosa. Vol. X. 1883, tomo II. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1946.

BASTOS, M. H. C. B. **Pro Patria Laboremus**: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897). Editora EDUSF: Bragança Paulista/SP, 2002. 350p.

BASTOS, M. H. C. A imprensa de educação e de ensino: repertórios analíticos. O exemplo da França. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Educação**, vol. 12, 2007.

BLACKKE, A. V. S. **Dicionário Bibliográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1899.

CATANI, D. B. A Imprensa Pedagógica Educacional: As Revistas de Ensino e o estudo do Campo Educacional. In: **Educação e Filosofia**, p. 115-130. jul/dez, 1996.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil AS, 1990.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, 2, 177-229, 1990.

FERNANDES, A. L. **O campo pedagógico no Brasil no final do século XIX: lugares, pessoas e instituições na construção de uma nova sociedade**. In: XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social. Natal – RN, 2013.

FRANÇA, D. M.; VILLELA, L. M. A. Os muitos “Rios” num esboço do Ensino de Matemática. In: In: COSTA, D. A.; VALENTE, W.R. **Saberes matemáticos no curso primário: o que, como e por que ensinar?** Estudos históricos-comparativos a partir da documentação oficial escolar. São Paulo: Livraria da Física, 2014.

FRIZZARINI, C. R. B. et al. Os saberes elementares matemáticos e os programas de ensino, São Paulo (1894-1950). In: COSTA, D. A.; VALENTE, W.R. **Saberes matemáticos no curso primário: o que, como e por que ensinar?** Estudos históricos-comparativos a partir da documentação oficial escolar. São Paulo: Livraria da Física, 2014.

GONDRA, J. G. O veículo de circulação da pedagogia oficial da república: a Revista Pedagógica. In **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 78, n. 188/189/190. p. 374-395, jan/dez, 1997. Disponível em <https://rbrp.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/280282>. Acesso em 27 jan 2016.

MATASCI, Damiano. **L'école républicaine et l'étranger**. Une histoire internationale des réformes scolaires en France 1870-1914. ENS ÉDITIONS, 2015.

LEME DA SILVA, M. C. (no prelo) Práticas de desenho e os saberes geométricos na pedagogia moderna: desenho à mão livre, desenho geométrico e desenho natural. **Anais do XI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. Porto: 2016

_____ Caminhos da Pesquisa, caminhos pelos saberes elementares geométricos: a busca da historicidade da prática nos estudos de educação matemática no Brasil. In: VALENTE, W. R. (Org.) Prática. **Cadernos de Trabalho**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015

LEME DA SILVA, M. C; VALENTE, V. R. (orgs.). **A geometria nos primeiros anos escolares: História e perspectivas atuais**. Campinas, SP: Papyrus, 2014.

NÓVOA, A. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. In: **Educação em revista: a Imprensa Periódica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

PINTO, I. A. G. **UM PROFESSOR EM DOIS MUNDOS:** a viagem do professor Luiz Augusto dos Reis à Europa (1891). Tese (Doutorado em Educação) – USP, São Paulo, 2011. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-16022012-103537/pt-br.php. Acesso em 01 de abril de 2016.

REZENDE, D. S. A imprensa periódica como fonte documental. In: **Introdução ao estudo da História**. Maringá: EDUEM, 2005.

RIO DE JANEIRO. **Revista Pedagógica**. Tomo Segundo, Rio de Janeiro. Livraria Classica de Alves & Companhia, n. 1, abril/setembro, 1891. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/158561>. Acesso em 10 de março de 2016.

RIO DE JANEIRO. **Revista Pedagógica**. Tomo Terceiro, Rio de Janeiro. Livraria Classica de Alves & Companhia, n. 13, outubro, 1891. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/158560>. Acesso em 10 de março de 2016.

SÊGA, R. A. Ordem e progresso. In **Revista Online História Viva**, 5ed. Março de 2004. Disponível em: http://www.uol.com.br/historiaviva/reportagens/ordem_e_progresso_imprimir.html. Acesso em 05 de fevereiro de 2016.

SOUZA, R. F. **Alicerces da pátria:** História da escola primária no estado de São Paulo (1890-1976). Campinas: Mercado de Letras, 2009.

VALDEMARIN, V. T. **Os sentidos e a experiência:** professores, alunos e métodos de ensino. In: SAVIANI, D (et. al.). O legado educacional do século XX no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.